

SUMÁRIO

Prefácio: Breve introdução à importância de Nietzsche
Marcelo Backes / 7

ECCE HOMO

Prólogo / 17

Por que eu sou tão sábio / 24

Por que eu sou tão inteligente / 41

Por que eu escrevo livros tão bons / 62

O nascimento da tragédia / 73

As extemporâneas / 79

Humano, demasiado humano / 85

Aurora / 92

A gaia ciência / 95

Assim falou Zaratustra / 97

Além do bem e do mal / 112

A genealogia da moral / 114

Crepúsculo dos ídolos / 116

O caso Wagner / 119

Por que eu sou um destino / 127

Adendo / 137

Glossário alfabético geral / 146

Posfácio: Uma vida – e a obra – em largas pinceladas
Marcelo Backes / 169

PRÓLOGO

1.

Previendo que em pouco terei de me dirigir à humanidade com a mais pesada das exigências que jamais foi colocada a ela,¹ parece-me imprescindível dizer **quem eu sou**. Na verdade, todo mundo já deveria saber disso: pois não negligenciei “testemunhos” a meu respeito. O desequilíbrio entre a grandeza da minha tarefa e a **pequenez** de meus contemporâneos ficou expresso no fato de que não me ouviram, nem sequer me viram. Eu vivo jogado à minha própria sorte... e talvez seja apenas um preconceito o fato de eu viver?... Basta apenas dirigir-me a um “homem culto” qualquer, que no verão chega até Alta Engadina, para ficar convencido de que eu **não vivo**... Sob essas circunstâncias, há uma obrigação contra a qual os meus hábitos, e ainda mais o orgulho de meus instintos, se revolta, a obrigação de dizer: **Ouçam-me! pois eu sou assim e assado. E, acima de tudo, não me confundam!**²

1. Nietzsche refere-se – ao que tudo indica – a seu livro *Transvaloração de todos os valores* (Umwertung aller Werte), a obra derradeira, que o autor jamais levaria a cabo, à qual o *Ecce homo* seria uma espécie de prelúdio. (N.T.)

2. Em 1888, época da escritura do *Ecce homo* (o texto-base teria sido escrito, segundo a maior parte dos pesquisadores, de 15 de outubro, data em que completou 44 anos, a 4 de novembro), a fama de Nietzsche ainda era escassa e seus livros não vendiam. O filósofo chegou a pagar – ele mesmo – a edição de uma de suas principais obras: *Além do bem e do mal* (Jenseits von Gut und Böse) e imprimir em pequena edição privada a quarta parte do *Zarathustra*. Sua autobiografia tinha, portanto, um grande objetivo: dizer de si o que os outros ainda não haviam dito. Ademais, Nietzsche confessou a intenção (em carta a seu editor, de 6 de novembro de 1888) de testar os limites da liberdade de expressão entre os alemães e preparar o caminho para a obra definitiva que tinha em mente, a já mencionada *Transvaloração de todos os valores* ou *O Anticristo*, que foi o que resultou dela. (N.T.)

2.

Por exemplo... eu não sou, nem de longe, um bicho-papão, um monstro moral – eu inclusive sou uma natureza contrária a esse tipo de gente que até hoje foi venerada como virtuosa. Cá entre nós, parece-me que é exatamente isso que me deixa cheio de orgulho. Eu sou um aprendiz do filósofo Dioniso, e faço gosto antes em ser um sátiro do que um santo. Mas leiam esta minha obra... Talvez eu tenha logrado alcançá-lo, talvez esta obra não tenha nenhum outro objetivo que não o de expressar essa oposição de uma maneira serena e amável. A última coisa que **eu** haveria de prometer seria “melhorar” a humanidade. Eu não haverei de erigir nenhuns novos ídolos; que os velhos aprendam o que significa ter pés de barro. **Derribar ídolos** (a minha palavra para “ideais”) –³ isso sim é que faz parte de meu ofício. A realidade foi despojada de seu valor, de seu sentido, de sua veracidade justamente no mesmo grau em que foi **falsificado** um mundo ideal... O “mundo verdadeiro” e o “mundo aparente” – em alemão: o mundo **falsificado** e a realidade... A **mentira** do ideal foi, até agora, a blasfêmia contra a realidade; a própria humanidade foi enganada por ela e tornou-se falsa até o mais baixo de seus instintos – a ponto de adorar os valores **inversos** como se fossem aqueles com os quais ela poderia garantir para si a prosperidade, o futuro, o **direito** altivo ao futuro.

3.

– Quem sabe respirar o ar das minhas obras, sabe que ele é um ar das alturas, um ar **vigoroso**. A gente tem de ter sido feito para ele, caso contrário não é nem um pouco insignificante o perigo de se resfriar no contato com ele. O gelo está próximo, a solidão é terrível – mas como todas as coisas repousam calmas à luz! como

3. O travessão é chamado, na língua alemã, de *Gedankenstrich*, o que significa, *ipsis verbis*, “traço do pensamento”. Nietzsche faz uso constante dele, e sempre para antecipar um arremate decisivo. Na obra de Nietzsche o travessão tem a função estilística da pausa antes do golpe, do raio silencioso que antecede o trovão. (N.T.)

se respira com liberdade! quantas coisas a gente não sente **abaixo** da gente!... A filosofia, assim como a entendi e vivenciei até agora, é a vida espontânea no gelo e nas montanhas mais altas – a procura de tudo que é estranho e duvidoso na existência, de tudo aquilo que até agora foi excomungado pela moral. De uma longa experiência, concedida por tais andanças nas terras do **proibido**, aprendi a ver os motivos a partir dos quais se praticou a moral e se construiu o ideal, de um modo bem diferente do que eventualmente poderia se desejar: a história **oculta** dos filósofos, a psicologia de seus nomes grandiosos veio à luz para mim. – Quanta é a verdade que um espírito **suporta**, quanta é a verdade que ele **ousa?** essa foi, para mim, e cada vez mais, a tábua para medir valores. Engano (– a crença no ideal –) não é cegueira, engano é **covardia**... Toda a conquista, todo o passo adiante no conhecimento é **consequência** da coragem, da dureza em relação a si mesmo, da decência consigo mesmo... Eu não refuto os ideais, eu apenas visto luvas diante deles... *Nitimur in vetitum*.⁴ é sob esse signo que a minha filosofia sai vitoriosa, pois até agora sempre foi proibida fundamentalmente apenas a verdade...

4.

– Entre minhas obras o meu **Zaratustra**⁵ ocupa um lugar à parte. Com ele dei à humanidade o maior presente que lhe foi dado até hoje. Esse livro, com sua voz que será ouvida ainda em milênios, não é apenas o livro mais alto que existe, o livro que traz o verdadeiro ar das alturas – o fato “homem”, como um todo, se encontra

4. “Nós buscamos o proibido”, referência à famosa frase do poeta latino Ovídio (43 a.C.-17), autor da *Ars amatoria* (ou *A arte de amar*), dos *Fasti* (Os fastos) e das *Metamorfoses*, entre outras obras. A tradução para as expressões estrangeiras – quando não forem citação expressa de um autor –, bem como alguma explicação sobre elas – quando for o caso –, deve ser buscada no glossário que incrementa essa edição. (N.T.)

5. Muitas vezes Nietzsche refere os títulos de suas obras no interior de seu texto sem o menor destaque – até mesmo sem o espaçamento, no caso presente substituído pelo negrito –, como se eles fizessem parte orgânica e indistinta dele, conforme o leitor verá um punhado de vezes a seguir. (N.T.)

numa distância monstruosa **abaixo** dele –, ele é também o **mais profundo**, que veio ao mundo da riqueza mais profunda da verdade, uma fonte inesgotável para a qual nenhum balde desce sem voltar a subir carregado de ouro e bondade. Ali não fala nenhum “profeta”, nenhum desses híbridos horríveis de enfermidade e vontade de poder, aos quais se chama de fundadores de religiões. Antes de tudo a gente tem de **ouvir** corretamente o tom que sai dessa boca, esse tom alciónico, a fim de não cometer injustiças lastimáveis com o sentido de sua verdade. “As palavras mais calmas são aquelas que trazem a tempestade, pensamentos que se aproximam em passos de pomba dirigem o mundo...”⁶

Os figos caem das árvores, eles são doces e saborosos; e ao caírem, sua pele rubra se rompe. Eu sou um vento norte para os figos maduros.

Pois bem, assim como figos, caíam sobre vós esses ensinamentos, meus amigos: bebei, pois, o seu sumo, comi sua polpa doce! É outono à nossa volta e céu límpido e meio-dia...

Aqui não fala um fanático, aqui não se “prega”, aqui não se exige **fé**: os ensinamentos caem de uma abundância inesgotável de luz e felicidade profunda, gota a gota, palavra por palavra – uma lentidão suave é a velocidade dessa conversa. Coisas desse tipo só logram ser alcançadas para os melhores dentre os eleitos; é um privilégio sem igual, poder ser um ouvinte aqui; não é a todos que é dado ter ouvidos para Zaratustra... E, com tudo isso, Zaratustra não é um **desencaminhador**?... Mas o que ele mesmo diz quando volta pela vez primeira para a sua solidão? Exatamente o contrário daquilo que um “sábio”, um “santo”, um “salvador do mundo” ou

6. Citação de sua própria obra *Assim falou Zaratustra*, Parte II, seção intitulada “A hora mais silenciosa”. O trecho que vem logo a seguir é da mesma obra, mesma parte, da seção intitulada “Nas ilhas bem-aventuradas”. A citação que encerra o “Prefácio” também é um trecho do *Zaratustra*, mas da Parte I, “Da virtude dadivosa”. (N.T.)

Prólogo

outro *décadent* qualquer haveria de dizer em semelhante caso... Ele não apenas fala diferente, ele **também é** diferente...

Eu vou sozinho, pois, meus discípulos! E também vós ireis embora sozinhos! É assim que eu quero e deve ser.

Afastai-vos de mim e defendei-vos contra Zaratustra! E, melhor ainda: senti vergonha dele! Talvez ele vos haja enganado.

O homem do conhecimento não tem apenas de amar seus inimigos, ele também tem de poder odiar seus amigos.

A gente retribui mal a um professor, quando permanece sendo sempre apenas seu aluno. E por que vós não haveríeis de querer arrancar os louros da minha coroa?

Vós me venerais: mas como, se vossa veneração um dia **irá ao chão**? Guardai-vos de não serdes abatidos por uma coluna!

Vós dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa isso a Zaratustra! Vós sois meus crentes, mas que importam crentes!

Vós ainda não havíeis vos procurado: aí encontrastes a mim. É assim que fazem todos os crentes; e por isso valem pouco todas as crenças.

Agora eu vos ordeno: perder a mim para vos encontrardes; e apenas quando **todos vós tiverdes me renegado**, é que haverei de querer voltar a vós...

Friedrich Nietzsche